

PSICANÁLISE E ARTE: A POESIA COMO MEIO DE EXPRESSÃO DO INCONSCIENTE

Andresa Mariá da Silva¹

Jeisa Benevenuti²

Gustavo Angeli³

¹ Acadêmica do curso de Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque- UNIFEBE. Pós-graduanda em Psicologia Social pelo Grupo Educacional FAVENI em fevereiro de 2022.

² Professora Titular do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). Doutorado (2012) e Mestrado (2004) em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí (1999) e Universidade do Minho - Portugal (2000).

³ Psicólogo graduado pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) na linha de pesquisa Psicanálise e Civilização, doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina na área Psicologia Social e Cultura e linha de pesquisa Processos de Subjetivação, gênero e diversidades.

RESUMO

O presente trabalho analisa as expressões do inconsciente, que se manifestam por meio da literatura, descrevendo sentimentos em poesias. Para isto, utilizaremos como base teórica a psicanálise, uma interlocução entre a arte e a psicanálise. Serão analisados recortes e poesias da autora Clarice Freire. Busca-se compreender, no presente trabalho, alicerçado na relação entre a psicanálise e a poesia, como essa linguagem pode ser utilizada para expressar sentimentos, emoções e lembranças, levando em conta que o inconsciente resgata o processo de identificação com a literatura, e de quais ressonâncias ecoam pelo processo de encontro entre leitor e obra. A poesia quando lida, pode remeter a uma lembrança de algo já vivido, ou a esperança de ainda realizar um desejo. A busca em representar o que significa determinados sentimentos, por meio da cultura, da literatura, pode gerar resultados diversos, e abrir muitas possibilidades, o que torna essa construção coletiva extremamente vasta, visto que a poesia é uma linguagem que abrange vários meios.

Palavras-chave: Cultura. Literatura. Psicanálise.

**PSYCHOANALYSIS AND ART: POETRY AS A MEANS OF
EXPRESSION OF THE UNCONSCIOUS**

ABSTRACT

The present work analyzes the expressions of the unconscious, which are manifested in the literature, describing feelings in poetry. Thus, we will use psychoanalysis as a theoretical basis, and interlocution between art and psychoanalysis. Clips and poetry by the author Clarice Freire will be analyzed. We seek to understand, in the present work, from the relationship between psychoanalysis and poetry, how this language can be used to express feelings, emotions, and memories, taking into account that the unconscious rescues the identification process with literature, and which resonances echo from the process of the encounter between reader and work. When poetry is read, it can refer to a memory, something already lived, or the hope of still fulfilling a wish. The search to represent what certain feelings means, based on culture, literature, can generate different results, and open a range of possibilities, which makes this collective construction extremely vast since poetry is a language that encompasses various media.

Keywords: Culture. Literature. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de analisar expressões do inconsciente, que se manifestam por meio da literatura, descrevendo sentimentos em poesias. Para isso, utilizaremos como base teórica a psicanálise, uma interlocução entre a arte e a psicanálise. Serão analisados recortes teóricos da autora Clarice Freire, poesias que compõem o livro *Pó de Lua nas Noites em Claro* (2016). “Acho que o universo é cheio de belezas e dores, mas podemos falar de todas elas com delicadeza” (FREIRE, 2016, p. 205).

Clarice é recifense, nascida em Pernambuco. Em sua biografia, descreve que desde criança não diferenciava desenho e escrita, por causa das influências que tinha em casa. Isto deve explicar o porquê das suas poesias serem elaboradas em forma de desenho e palavras sempre relacionadas, tornando possível somente pela compreensão de todo o contexto. “O resultado foi uma

poesia desenhada ou desenhos poéticos para diminuir a gravidade das coisas” (FREIRE, 2016, p. 205).

Pelo fato de a poesia ser atemporal, cada folha escrita em um livro de poesias pode representar uma história singular e ao mesmo tempo coletiva, à medida que encontramos identificações com outras realidades, dando sentido a uma construção subjetiva individual, repleta de vários olhares. História essa, construída de muitos sentidos e acolhida por sujeitos que se identificam com determinado sentimento, emoção e afeto. A poesia quando lida, pode remeter a uma lembrança, algo já vivido, ou a esperança de ainda realizar um desejo. “Afim, os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre a sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita frequência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta” (FREUD, 1908/1996, p. 135).

A busca em representar o que significa determinados sentimentos, por meio da cultura, da literatura, pode gerar resultados diversos, e abrir muitas possibilidades, o que torna essa construção coletiva extremamente vasta, diversificada, visto que a poesia é uma linguagem que abrange vários meios. “Conto que essa polifonia possa incorporar cada vez mais vozes, outros timbres, novas línguas” (RIVERA, 2018, p. 12).

Busca-se compreender, no presente trabalho, alicerçado na relação entre a psicanálise e a poesia, como essa linguagem pode ser utilizada para expressar sentimentos, emoções e lembranças, levando em conta que o inconsciente resgata o processo de identificação com a literatura, e que ressonâncias ecoam pelo processo de encontro entre leitor e obra. Com esta pesquisa, busca-se compreender como o inconsciente encontra uma possibilidade de expressão para o sujeito de forma criativa, e nesse caso, resgata dentro de nós, de uma maneira um pouco mais leve e descontraída, a tentativa de elaborar conteúdos internos, de representar sentimentos, possibilitando, assim, dar voz às palavras que ecoam dentro de cada sujeito.

O presente trabalho tratará de aspectos da literatura como um resgate da infância, ao brincar e fantasiar, criava-se um mundo de descobertas e de expressão de sentimentos, afetos e histórias. Por meio desse estudo, podemos tratar a literatura como um meio de expressão do inconsciente, que é aceita pela sociedade, compondo um grande fator social indispensável para

construção do sujeito. A poesia surge como uma elaboração de fantasias e desejos internos que são representados por meio de palavras, dando sentido àquilo que se sente. Na fundamentação teórica será apresentada uma discussão em torno do brincar e o fantasiar por meio da escrita criativa e um debate sobre a literatura, de modo a entender a possibilidade que a literatura produz, para a construção de uma cultura que expressa conteúdos internos e representa pessoas por meio da arte.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A poesia é capaz de traduzir sentimentos, de uma forma mais palpável e de nos mostrar o sentido das nossas ideias internas, que muitas vezes são difíceis de elaborar, tornando concreto, algo que antes era abstrato e sem forma. O belo da poesia é que ela não tem um público específico, ela pode chegar a qualquer pessoa e ser interpretada de maneiras infinitas. Chegando até nós de uma forma inesperada, na intenção de relembrar conteúdos que a nossa consciência não havia sido capaz de acessar, faz-nos rever questões internas que estavam há muito tempo perdidas dentro de nós mesmos. “Somos postos diante daquilo que seria uma espécie de túmulo” (RIVERA, 2018, p. 22).

Despertando conteúdos inconscientes que não foram elaborados até o presente momento. “Nós, leigos, sempre sentimos uma intensa curiosidade em saber de que fontes o escritor criativo retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e despertar-nos emoções das quais talvez nem nos julgássemos capazes” (FREUD, 1908/1996, p. 135). Nessa jornada de descobertas internas na literatura, encontramos novidades que, na verdade, não são tão recentes assim, apenas voltamos a acessá-las.

Nosso interesse intensifica-se ainda mais pelo fato de que, ao ser interrogado, o escritor não nos oferece uma explicação, ou pelo menos nenhuma satisfatória; e de forma alguma ele é enfraquecido por sabermos que nem a mais clara compreensão interna

(insight) dos determinantes de sua escolha de material e da natureza da arte de criação imaginativa, em nada irá contribuir para nos tornar escritores criativos (FREUD, 1908/1996, p.135).

Essa incógnita em relação ao objetivo essencial do autor quando produziu determinado material causa no público uma grande inquietação a respeito da origem daquela criação e o que ela tem a dizer a nós. “A meu ver, o que nos prende tão poderosamente só pode ser a *intenção* do artista, até onde ele conseguiu expressá-la em sua obra e fazer-nos compreendê-la” (FREUD, 1914/1996, p. 224). Mas nem sempre uma única explicação é capaz de descrever de fato o que o outro sujeito enxerga daquela obra, e assim podemos desenvolver muitas outras elaborações, conforme a singularidade e possibilidade de representação de cada um. “Mas, geralmente, diante de uma grande obra de arte, cada um diz algo diferente do outro e nenhum diz nada que resolva o problema para o admirador despretenso” (FREUD, 1914/1996, p. 223,224).

Se desprender de uma explicação padrão e primária, é um fator muito importante para que a expressão aconteça de forma sensível e natural dos sujeitos, para abranger e acolher muitas outras histórias. É uma reconstrução da cultura e do indivíduo, ou seja, cada um representa de um jeito, mas em uma forma de linguagem que pode abranger vários meios. “Se trata sempre de tentar representar, sem que tal operação jamais se cumpra de forma definitiva” (RIVERA, 2018, p. 21). Uma elaboração pode ser interligada com outras e de incontáveis detalhes da nossa história como sujeito em formação e em desenvolvimento.

Quando refletimos sobre o significado que aquela obra tem para o autor, podemos tentar atribuir palavras que definem o sentimento dele naquele momento, mas de fato o que é mais rico nessa troca de experiências e significados, é quando nos deparamos com a nossa história, a partir da vivência do outro, que diz da sua própria maneira, o que tem de autêntico naquela criação, na qualidade de leitor e admirador das artes, mas principalmente, como sujeito, único e diferente. “Se ao menos pudéssemos descobrir em nós mesmos ou em nossos semelhantes uma atividade a fim à criação literária! Uma investigação dessa atividade nos daria a esperança de obter as primeiras

explicações do trabalho criador do escritor” (FREUD, 1908/1996, p. 135).

Existe algo nesta obra que nos faz repensar o porquê de tê-la dado tamanha atenção, é neste momento que será possível investigar o que ela fez renascer em nós, o que nos afeta com tanta intensidade. “Revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber porquê sou assim afetado e o que é que me afeta” (FREUD, 1914/1996, p. 223). Na literatura encontramos diversas histórias que, a princípio, relacionamos com o personagem mencionado ou até mesmo com o autor, o que não é tão simples de encontrar. É o que nos fez ler aquela obra e se identificar com ela, o que aquela história despertou dentro de nós, nas nossas emoções e memórias. “Insisto, só posso sentir a emoção do personagem [...] porque um dia essa emoção já foi minha” (NASIO, 2017, p. 11).

Na poesia, é como se voltássemos à infância, na tentativa de brincar. Neste sentido, agora, com as palavras, pois é o que a cultura e a sociedade consideram aceitável. Por essa razão, veremos que a poesia aqui representada na psicanálise, surge como uma retomada do infantil. O retorno do infantil por meio da arte faz com que o desejo de satisfação dessas fantasias infantis sejam de certa forma preenchidos, são guiados pelo desejo latente de reviver uma lembrança, recriar uma cena sobre a qual foi depositado muito afeto. “Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos” (FREUD, 1908/1996, p. 135).

Quando nos tornamos adultos, somos obrigados a exercer um papel social condizente com a nossa realidade. O meio social começa a ditar as regras que devemos seguir para que sejamos aceitos na sociedade e para que consigamos sobreviver a ela. Neste caminho, perdemos a liberdade de nos expressar com sinceridade a maior parte do tempo. A satisfação do nosso desejo é censurada, e nos tornamos prisioneiros das nossas próprias vontades. Um meio de externalizar essas emoções que acabamos prendendo internamente, é por meio da arte. A poesia expressa aquilo que nem sempre é dito no exato momento em que sentimos determinada emoção, mas a partir da criação dela, outras pessoas podem ser representadas. “Com efeito, vivo como espectador o que já vivi, real ou imaginariamente, quando criança ou adolescente” (NASIO, 2017, p. 11).

Ajustamos aspectos da nossa realidade, traduzindo o que sentimos em palavras criativas, desenvolvendo a poesia como forma de ocupar o mundo e de significar a nossa existência. “Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade?” (FREUD, 1908/1996, p. 135). Desta forma, cada vez mais vamos costurando nossas histórias e construindo nossa vida. “Mais importante que a progressão de conhecimento em conhecimento, o decisivo seria a rachadura capaz de se revelar no interior de cada um deles” (RIVERA, 2018, p. 14).

A poesia no âmbito da cultura é uma poderosa ferramenta que possibilita dar voz às pessoas e à existência delas, de demonstrar o que sentem e como sentem, o tanto que esses indivíduos têm a dizer. “E que mistério é esse senão o impacto que sua voz produz em seus ouvintes? Sim, o mistério de uma voz não reside tanto em sua fonte, mas na emoção que ela provoca” (NASIO, 2017, p.11). É sobre o impacto que ela pode causar quando se encontra junto a um grupo de pessoas que antes não eram ouvidas de forma efetiva, e que agora podem representar o que sentem por meio da escrita, e da identificação com outros sujeitos. “Talvez seja nisso que reside o segredo dessa voz excepcional: ela consegue despertar em mim, ouvinte, ressonâncias profundas, expurgar meu corpo de emoções acumuladas” (NASIO, 2017, p. 11).

A poesia é construída de forma coletiva, só tem sentido de fato quando chega ao público, ao leitor. O autor da obra inscreve um sentido quando a escreve, mas a partir disso ela pode trilhar diversos caminhos, e essa experiência pode se tornar muito rica. Ela é quem dá forma à obra do autor, pois encontra novos significados à medida que se encaixa em novas histórias, e cada contexto dará seu próprio olhar. “Tal convite, como uma mensagem de naufrago jogada ao mar, é um gesto efêmero que pode nunca chegar a seu destino, mas repete-se como endereçamento e assim pode se transmitir, de modo sempre imprevisível” (RIVERA, 2018, p. 12). Estas identificações permitem que o ser humano se sinta acolhido e, de alguma forma, o torna parte de algo que o representa, assim como várias outras pessoas. “A vontade de viver tem a ver com sentir-se acolhido no mundo” (CALLIGARIS, 2019, p. 45). Desta forma, destacamos a poesia como uma expressão do inconsciente, assim como uma criação singular/coletiva, o encontro com um texto remete ao

encontro com um universo de possibilidades.

A criação da cultura por meio da arte e literatura pode levar-nos a pensar. Afinal, o que é que nos afeta, na arte que é capaz de ser explicado pela psicanálise? A arte pode ser usada também, como uma maneira de tratar o vazio. O que se trata na escrita, é algo que transborda dentro de nós, conteúdos inconscientes que dizem do nosso passado. Uma construção subjetiva que extrapola a racionalidade humana, encontrando no fundo do nosso ser, algo que não é palpável e concreto, mas que é criado de maneira criativa e detalhista, que possui inúmeros significados, originados da fantasia que o psiquismo cria, para de alguma forma expressar o que sentimos. Essa escrita, de certa forma, constrói uma história que não é vista, mas para que possamos encontrar sentido nela, é necessário primeiro desconstruir aspectos racionais que criamos para suportar determinados fatos que fazem parte da nossa vida, que nos marcaram de maneira traumática. Elaborá-los é a maneira de traduzir o que nosso inconsciente tem a dizer. A beleza da poesia ocorre à medida que buscamos compreender a partir da nossa própria subjetividade, e dar a ela um corpo que antes havia sido criado e visto de uma maneira diferente. “Algo se subtrai e nos atinge na presença maciça de um corpo oferecido ao olhar” (RIVERA, 2018, p. 20).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método que será utilizado para desenvolver o presente trabalho é a psicanálise. A interpretação das poesias escolhidas e selecionadas para analisar os resultados desta pesquisa, fundamenta-se na elaboração de interpretações, palpados na construção teórica psicanalítica. “O inconsciente não é um objeto, é uma hipótese de trabalho - que se mostra muito útil - baseada nesses fenômenos que começaram a ser investigados através da relação de transferência que Freud estabeleceu com seus pacientes” (NOGUEIRA, 2004, p. 88).

Conforme a transferência identificada com a autora das poesias, Clarice Freire, e com a teoria psicanalítica. “A psicanálise nos faz ver que as pessoas que em nossa vida são apenas estimadas ou respeitadas podem ser ainda objetos

sexuais para o inconsciente dentro de nós” (FREUD, 1912/2010, p. 142,143). A psicanálise é vivenciada a cada momento, conforme a pesquisa, leitura e construção do trabalho, é manifesto conteúdos vistos teoricamente, sendo agora vivenciados de forma concreta, por meio da produção e elaboração deste artigo. “O cientista aplica a si mesmo a ciência que ele faz. [...] O conhecimento que temos da realidade é um conhecimento que não nos afeta diretamente, mas o conhecimento ou a experiência da subjetividade humana afeta diretamente ao próprio analista” (NOGUEIRA, 2004, p. 90).

Neste sentido, a prática e estudo da psicanálise, como analista e como analisando, faz-nos ser atuantes na mesma medida em que também somos afetados e transformados pela presença marcante do inconsciente, e de como ocorrem elaborações durante o processo de identificação e manejo clínico. “Falar em pesquisa em psicanálise é quase um pleonasma, já que o termo psicanálise já implica, por si só, o termo pesquisa” (NETO, 2006, p. 279).

A análise nos prepara e nos oferece suporte científico para a promoção do fazer do conhecimento e seus desdobramentos. “O analista - e não só o analisante - sai modificado depois de uma análise. Ele está envolvido, está implicado na relação. Ele não é um observador da relação. Isso é uma experiência nova, um tipo novo de investigação na nossa cultura” (NOGUEIRA, 2004, p. 90). A presente pesquisa se desenvolve também a partir da atenção flutuante. “Na pesquisa-escuta domina sempre uma posição mais passiva de se deixar afetar pelo outro, numa forma de atenção não-seletiva: a atenção flutuante, sem memória e sem desejo” (NETO, 2006, p. 281).

De maneira alguma o analista deve limitar a interpretação diante do conteúdo inconsciente do paciente e correr o risco de pôr seu próprio sentido no discurso do outro. Por esta razão, é indispensável ser cauteloso quanto ao manejo com a prática da psicanálise, tornando possível uma atuação eficaz e desprendida de quaisquer aspectos pessoais na análise do sujeito. “Quando Freud introduz a ideia de associação livre, tudo o que o paciente diz se torna igualmente importante, e nossa atenção livremente flutuante não deveria privilegiar *a priori* isso ou aquilo” (MINERBO, 2016, p. 60). Na interpretação da arte nos desprendemos de significados padrões e pessoais, e buscamos novos olhares e contribuições subjetivas, ricas em material interno revelado pela interpretação singular de cada sujeito.

4 ANÁLISE

Como foi apresentado anteriormente, conforme a proposta e objetivos do presente trabalho, desenvolvemos a seguir as análises de poesias selecionadas do livro *Pó de Lua nas Noites em Claro* (2016), da autora Clarice Freire, fazendo a associação com discussões teóricas essenciais para interpretação e análise, sendo: brincar e o fantasiar valendo-se da escrita criativa, identificação de sujeitos com os textos publicados, e como o inconsciente pode se manifestar por meio da literatura.

O que se revela na escrita pode ser visto como a realização de uma alteração da realidade concreta do sujeito, realidade essa que tanto lhe aflige e que causa sofrimento psíquico. “O inconsciente freudiano seja alcançado à condição de fonte temática e formal para a criação artística” (RIVERA, 2002, p. 10). Podemos perceber que na literatura o inconsciente pode ser alcançado como material primordial para a elaboração criativa de escritos, sendo assim, como fonte de uma obra artística fundamental para a expressão de conteúdos internos do sujeito que busca significar determinadas histórias.

Durante a infância, criamos memórias, histórias que foram vividas no início da vida humana, constituem o repertório singular do sujeito, daquilo que experienciou quando criança. “Ninguém contesta o fato de que as experiências dos primeiros anos de nossa infância deixam traços inerradicável nas profundezas de nossa mente” (FREUD, 1899/1996, p. 287). Essas histórias infantis são carregadas de afeto, e nelas, podemos encontrar material para trabalhar como conteúdo psíquico do sujeito, para análise psicanalítica. Entendemos que os traços mnêmicos são as marcas deixadas pelas experiências de prazer e desprazer que a criança vivenciou. Com isso, procuramos resgatar essa história singular, muitas vezes esquecidas pelo sujeito. “Talvez possamos dizer que a principal característica da compreensão psicanalítica em relação à infância consiste no interesse de resgatar na fala dos pacientes, não sua própria constituição como, também, seu modo de lembrar o passado” (ZAVARONI; VIANA; CELES, 2007, p. 65). As lembranças constituem o sujeito e oferecem a possibilidade de interpretar sua história, lembrá-las faz parte do processo de conhecimento e resgate de detalhes que formaram sua vida.

Na escrita, o autor permite que as palavras o envolvam ao modo de re-visitatar histórias infantis que não lembrava, e ali encontra parte da história de sua existência no mundo. Assim, futuramente, poderá transformá-las em um conteúdo formado de um novo olhar para aquilo que já se tinha. É uma maneira “palpável” de redigir o que eram apenas “palavras soltas” na imaginação de um sujeito que quer aparecer em sua própria história, como autor dela, e não como um personagem. “A partir de então, a consideração da fantasia enquanto verdade psíquica confere ao infantil um estatuto que se estende para além daquilo que foi visto, ouvido ou vivido na infância” (ZAVARONI; VIANA; CELES, 2007, p. 66). Na vida adulta, não mais as brincadeiras de criança podem satisfazer seus desejos, mas na escrita criativa o autor pode de alguma forma vivenciar as fantasias criadas para aliviar o peso das responsabilidades cotidianas.

Compreendemos que o sujeito poderá recordar dessas histórias infantis de duas formas, sendo assim, diferenciamos o que constitui a realidade vivida e a realidade psíquica, e a diferença entre elas, que está na maneira como determinada experiência foi registrada no psiquismo: de forma experienciada ou de forma ficcional. A poesia é uma maneira de escrever sem ter previamente algo planejado, mas sim com prazer. É deixar ser invadido pelo sentimento que o encontra naquele momento e representá-lo em palavras. Escrever é a forma que o autor encontra de expressar aquilo que o habita, assim como em associação livre, é dito aquilo que “perturba” o sujeito, o incomoda ou causa ao menos algum desconforto. Na escrita é dito o que nem sempre pode ser expressado de outra forma, dando então seu próprio sentido para algo que está presente na consciência. “Todos esses fenômenos julgados até então como absurdos e desprovidos de sentido, que o método psicanalítico recupera como preciosas fontes de conhecimento da alma humana” (RIVERA, 2002, p. 13). É nesse material desenvolvido pelo sujeito que podemos trabalhar, fazendo a análise do conteúdo psíquico que é elaborado na escrita criativa.

4.1 O INCONSCIENTE E A ESCRITA CRIATIVA: A POESIA DE CLARICE FREIRE

Para ilustrar com a literatura o que vem sendo discutido ao longo do texto, traremos algumas poesias, fazendo análise delas, conforme o respaldo de referências psicanalíticas.

“Foi escrita toda palavra muda que a alma grita” (FREIRE, 2016, p. 64). Esse grito interno ecoa pelos ares dentro do nosso ser até que seja ouvido, aquilo que é intolerável à consciência quer que depositemos a ele a devida atenção por isso grita, e não perde a voz, grita até que seja ouvido. Seja ele um desejo pedindo por realização, ou um conteúdo inconsciente que necessita de elaboração, não finda o barulho, apenas pede atenção. “O desejo que anima sua irrupção é justamente o de dar a conhecer uma verdade ignorada pelo sujeito que a porta” (FACHINETTO, 2008, n.p). O mecanismo psíquico do inconsciente é a fantasia, nela pode ser vivido a realização de satisfação de um desejo que foi vivido de forma real, ou que tenha sido ele criado pelo psiquismo.

“E o que eu não sei dizer aparece de algum jeito. Quando o silêncio da boca diz um poema perfeito” (FREIRE, 2016, p. 51). Nem sempre as palavras vão conseguir definir quais sentimentos foram vividos em determinados momentos, seja qual for a emoção, mas quando lemos esse poema, é como se rebobinasse um filme dentro da nossa cabeça, e resgatasse por meio da identificação com a autora e de acontecimentos que ela traz da história dela dentro da sua escrita, a nossa própria história, uma situação (ou várias), em que sentiu uma emoção tão intensa e que foi revelada por meio de um gesto.

O que poderia ter sido expressado por meio de palavras, não foram ditas verbalmente na experiência do momento, que vem como uma recordação posteriormente, mas puderam se expressar no psiquismo, gravando na memória o sentimento que foi vivido de maneira prazerosa. Foram ditas de uma maneira diferente, sendo escritas, registradas como lembrança carregada de afeto, esses textos publicados possibilitam a experiência da identificação com uma obra, porque de alguma forma traduz nossas emoções já vividas anteriormente. A identificação é um “processo psicológico pelo qual um sujeito

assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 226). Sendo então, o que chamamos de identificação “além de um mecanismo psicológico, mas sim, uma operação pela qual o sujeito humano se constitui” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p.227).

Assim como a fala em associação livre, na escrita criativa é possível permitir elaborar sem tantos receios e medos, aquilo que é inquietante à consciência, o que está latente dentro do sujeito. “A arte forma um reino intermediário entre a realidade que faz barreira ao desejo e o mundo imaginário que o realiza” (RIVERA, 2002, p. 13). Podendo dessa forma (fantasia), realizar os desejos que habitam o sujeito, e que pedem uma satisfação e escuta.

Consideramos teoricamente, que essa busca por satisfação é associada ao conceito freudiano de pulsão. “Até mesmo a atividade do aparelho mental mais desenvolvido está sujeita ao princípio do prazer” (FREUD, 1915/1996, p.126). Ou seja, todo ser humano está diretamente sendo perpassado pela busca constante de satisfazer seus impulsos, os estímulos estão sempre presentes no organismo, pois necessariamente a vontade de alcançar prazer constitui cada sujeito em sua singularidade. “Uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 394). Surge a questão: Quando as pulsões não são satisfeitas e por algum motivo, quando há uma censura da realização de obter satisfação, o que acontece com o sujeito? Visto que “esses estímulos são os sinais de um mundo interno, a prova de necessidades instintuais” (FREUD, 1915/1996, p.125).

Quando o próprio sujeito tende a reprimir as pulsões, ergue-se então uma barreira diante da satisfação, dessa forma, a função original (obter prazer), é invertida, e essas intenções essenciais podem ser levadas ao que chamamos de sublimação. A sublimação pode ser vista como um caminho diante da possibilidade e as vicissitudes da pulsão, ou seja, encontra-se a possibilidade de sublimar, um novo destino ao pulsional. “Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p.495). É quando encontramos um objeto de agrado não só do sujeito, mas

também valorizado pela sociedade e aceito como elemento fundamental que traz riqueza cultural. Nesse sentido, a literatura aparece como um bem de todos, abraçando não apenas uma história, mas diversas experiências sociais, tornando notável a singularidade de um grupo extenso de pessoas.

Freud, ao longo de toda sua obra, recorre à noção de sublimação para tentar explicar, de um ponto de vista econômico e dinâmico, certos tipos de atividades alimentares por um desejo que não visa, de forma manifesta, um objetivo sexual: por exemplo a criação artística, a investigação intelectual e, em geral, atividades a que uma dada sociedade confere grande valor” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p.495).

Um dos destinos da pulsão é a sublimação, como vimos, mas também podemos identificar outros meios de lidar com as pulsões e seus destinos. A seguir, veremos o conceito de recalque, conforme a análise da poesia de Clarice Freire (2016). “Abri a gaiola do imaginário, então libertei os sonhos contidos. Voaram com o vento por toda a casa como se não fossem mais proibidos” (FREIRE, 2016, p. 79). A censura que barra a realização dos desejos do sujeito, por meio da sociedade e de nossos próprios medos inconscientes, nos faz aprisionar determinados sentimentos/emoções que julgamos por algum motivo moralmente inconvenientes ou impossíveis de serem alcançados. Podemos observar com a poesia descrita acima, que a busca por representar esse “proibido”, surge como uma possibilidade, a partir da escrita. Nesse material literário, a autora consegue então dizer daquilo que estava recalcado.

Quando a fantasia do sujeito passa a ser analisada diz então de forma objetiva o que podemos encontrar dentro dessas recordações infantis, traduzindo um conteúdo psíquico formador da história do sujeito. Ao tentar buscar e relembrar situações vividas na infância, conseguiremos encontrar fragmentos dessa história, e contá-la de forma parcial. As memórias aparecem de forma fragmentada, e nunca revelada de forma original, em relação ao momento exato vivido no passado. “O que quer que pareça importante por seus efeitos imediatos ou diretamente subsequentes é recordado; o que quer que seja julgado não essencial é esquecido” (FREUD, 1899/1996, p. 287).

Aquilo que a consciência julga intolerável vivenciar, é recalçada, se torna inconsciente, na tentativa de torná-lo inacessível, intocável, até que seja possível formar a elaboração interna de um acontecimento. “O resultado do conflito, portanto, é que, em vez da imagem mnêmica que seria justificada pelo evento original, produz-se uma outra, que foi até certo ponto associativamente deslocada da primeira” (FREUD, 1899/1996, p. 290). Essa imagem é direcionada a um lugar de associação do sujeito, onde poderá implicar em diferentes formas de ver determinada situação. O recalque freudiano é a “Operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p.430). Quando o sujeito se depara com o desprazer de não vivenciar o que gostaria, surge então o recalque. “O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão - suscetível de proporcionar prazer por si mesma - ameaça provocar desprazer relativamente a outras exigências” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p.430).

Podemos perceber esse movimento de deslocamento na poesia. “O que cabe em mim não me cabe” (FREIRE, 2016, p.104). Evitamos buscar entender algumas partes da nossa história que nos causam medo, receios e dor. Para lidar com essa resistência, tentamos substituir essas memórias por um acontecimento observado e gravado na mente com significados diferentes, damos novos nomes ao que sentimos, para preencher o que nos causa desconforto, por isso, evitamos trabalhar com esse conteúdo psíquico, de maneira inconsciente encontramos uma defesa. É nesse momento que o mecanismo psíquico inconsciente encontra como solução, nesse caso o recalque.

Como esses estímulos precisam ser supridos, mesmo que não de maneira original, precisa alcançar um destino, por isso, o recalque surge como uma possibilidade psíquica de “satisfação”. “Há entre nós um dito corrente sobre as falsificações, no sentido de que, em si mesmas, elas não são feitas de ouro, mas estiveram perto de algo realmente feito de ouro. É bem possível aplicar essa mesma comparação a algumas das experiências infantis retidas na memória” (FREUD, 1899/1996, p. 291). Ou seja, a imagem real do acontecimento vivido pode ter sido registrada, mas quando contada, ela não terá o mesmo sentido, é alterada para que a consciência consiga elaborar um significado para tal. Pois toda lembrança quando contada no presente, é dita de

uma forma diferente daquilo que de fato aconteceu no passado, novos sentidos e outras maneiras de ver aquela mesma situação são criadas à medida que se relata uma recordação. “Trata-se de um caso de deslocamento para alguma coisa associada por continuidade; ou, examinando-se o processo como um todo, de um caso de recalçamento acompanhado de substituição por algo próximo (seja no espaço ou no tempo)” (FREUD, 1899/1996, p. 291). A recordação é influenciada pela percepção interna, consciente. São “falsas” no sentido de terem transposto um acontecimento para um lugar onde ele não ocorreu de fato, foi criada pelo psiquismo. Servem aos objetivos de recalque e deslocamento, as impressões desagradáveis vividas pelo sujeito.

Apesar de todos esses movimentos internos que o inconsciente busca para lidar com a história do sujeito, podemos buscar ressignificá-los, e durante o processo de análise e elaboração, desenvolver novos olhares diante de um repertório de vida vasto e que pode ter muitos outros significados. “Atravessei o viaduto lá eu vi um adulto estranho” (FREIRE, 2016, p. 52, 53). Quando decidimos, com coragem, atravessar a barreira da censura, elaboramos memórias que foram censuradas pela sociedade, ou por um autojulgamento, por meio da representação deles, é que podemos ressignificar nossa história. “Algumas vezes preciso partir para não quebrar” (FREIRE, 2016, p.40, 41). O processo de elaboração de memórias traumáticas requer uma disposição psíquica para que aconteça, o sujeito precisa buscar associar o que lhe causa dor, visto que foi recalçado o conteúdo traumático justamente porque era intolerável à consciência, e não teve talvez suporte psicológico necessário para lidar com determinada situação no momento vivido, e para não “quebrar” como diz a poesia, a solução foi tentar esquecer ou substituir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo conhecimento é um caminho de grandes realizações, percebemos que nesse processo muitas emoções se fazem presente, e que todas elas têm o seu valor. O presente trabalho, é uma grande conquista, elaboração

de ideias combinadas de fundamentais leituras teóricas e discussões psicanalíticas, essenciais para descobertas imensamente ricas para o aprendizado.

Esse artigo teve o intuito de demonstrar a importância do olhar psicanalítico diante da construção da literatura na nossa sociedade, e do significado que carrega a representação social da poesia para diversos sujeitos. Acredito que a poesia é capaz de unir histórias sem tirar a singularidade de cada uma, vejo-a como uma grande acolhedora da constituição humana como expressão e realização de pensamentos, emoções e histórias, permeada de alegrias, tristezas, altos e baixos, com tudo aquilo que compõe o ser humano.

Afinal, somos formados por identificações, e isso alivia nossa maneira de viver, pois, por meio das interações sociais podemos existir, reconhecer-nos, e compartilhar a vida. A poesia pode ser também um poderoso meio de ressignificação de conteúdos internos, que encontram a possibilidade de elaboração por meio da literatura, a escrita criativa é uma forma de expressão, de representar o que se sente, e o que outros sujeitos também experienciam, quando os escritos transbordam e chegam a outros sujeitos, traduzindo o que nem sempre é possível ser dito.

Entendemos a literatura como uma grande fonte de conhecimento, que não se esvazia em si mesma, mas que transborda em outros sujeitos, recuperando novos olhares e novas histórias, ampliando contextos, criando cultura. Analisar os escritos criativos sob a perspectiva psicanalítica possibilitou uma experiência desafiadora e muito prazerosa, pois compreender os desdobramentos psicológicos que aparecem na escrita, é também ressignificar a maneira de ver o mundo, e como o aparelho psíquico se manifesta a partir dela.

REFERÊNCIAS

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos** / Contardo Calligaris. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FACHINETTO, Lisiane. **O sujeito do inconsciente e a escrita**. Proceedings of the 7th Formação de Profissionais e a Criança-Sujeito, 2008.

FREIRE, Clarice. **Pó de lua nas noites em claro.** / Clarice Freire. -1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

FREUD, Sigmund. O Moisés de Michelangelo. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1915/1996. (Vol. XIII).

_____. Escritores criativos e devaneio. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1915/1996. (Vol. IX).

_____. A dinâmica da transferência. **Obras Completas.** São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1915/2010. (Vol. 10).

_____. Lembranças Encobridoras. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1915/1899. (Vol. III).

_____. Os instintos e suas vicissitudes. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1915/1899. (Vol. XIV).

Laplanche, Jean. **Vocabulário da Psicanálise / Laplanche e Pontalis;** sob a direção de Daniel Lagache; [tradução Pedro Tamen]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MINERBO, Marion. **Diálogo sobre a clínica psicanalítica.** Bluecher - São Paulo, 2016.

NAFFAH NETO, Alfredo. A pesquisa psicanalítica. **Jornal de psicanálise**, v. 39, n. 70, p. 279-288, 2006.

NASIO, Juan-David. **9 lições sobre arte e psicanálise / J-D. Nasio,** tradução André Telles. -1ed. - Rio de Janeiro; Zahar, 2017.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. **A pesquisa em psicanálise.** *Psicologia USP*, v. 15, n. 1-2, p. 83-106, 2004.

RIVERA, Tania. **O avesso do imaginário: Arte contemporânea e psicanálise / Tania Rivera.** São Paulo: SESI-SP, 2018 1. ed., 432 pp, 48 ils.

_____. **Arte e psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ZAVARONI, Dione de Medeiros Lula; VIANA, Terezinha de Camargo; CELES, Luiz Augusto Monnerat. A constituição do infantil na obra de Freud. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 12, n. 1, p. 65-70, 2007.